

LA REPRESA DE FUNDÃO - SU ROMPIMIENTO, LAS VIDAS Y LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN – ALGUNAS CONSIDERACIONES (Municipio de Mariana, en el estado de Minas Gerais, Brasil)

A BARRAGEM DE FUNDÃO - SEU ROMPIMENTO, AS VIDAS E A MÍDIA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (Mariana, Minas Gerais, Brazil)

Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira¹ / Mônica Maria Farid Rahme² /
Fernanda Carvalho de Faria Vila Real³

Recepción: 09/05/2017; Evaluación: 29/09/2017; Aceptación: 02/07/2017

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo discutir algunos aspectos relativos al rompimiento de la Represa de Fundão tratados por los medios de comunicación, destacando como estos, a través de sus medios impreso y virtual, enfocaron la situación de los niños de los distritos de Bento Rodrigues y Paracatu de Baixo (pertenecientes al municipio de Mariana, en el estado de Minas Gerais, Brasil) afectadas, el 05 de Noviembre de 2015, por la mayor tragedia ambiental ocurrida en el país. En la ocasión, aproximadamente 40 mil millones de litros de residuos de mineral de hierro transbordó de la represa, de propiedad de la empresa Samarco (Vale y BHP Billinton), transformando las localidades arriba mencionadas

en un verdadero mar de lodo. La tragedia provocó la muerte de 19 personas, entre ellas dos niños, destruyendo completamente estos distritos, donde vivían aproximadamente 254 familias. Para el desarrollo de este artículo, se tiene como aporte teórico los propósitos de la Sociología de la Infancia que facilitan la discusión de la (in)visibilidad de los niños, la forma como sus vidas fueron afectadas, su relación con la escuela y, entre otros aspectos, las incertidumbres que rodean su futuro. Como procedimiento metodológico, fue realizada una investigación documental en revistas y periódicos que trataron el tema desde el momento de surgimiento de la tragedia hasta marzo de 2016. El análisis de estos documentos indica que aunque las voces de los niños no ocupen una posición de destaque en las materias seleccionadas, surgen en algunos reportajes de manera tímida y secundaria, sobretudo en la perspectiva de enfatizar los sentimientos de pérdida que la tragedia provocó en el cotidiano de sus vidas.

Palabras-clave: niños, medios de comunicación, tragedia, efectos humanos en el medioambiente, vida comunitaria.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir alguns aspectos relativos ao rompimen-

- 1 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal de Ouro Preto - MG- Brasil. Endereço para correspondência: Centro de Educação Aberto e à Distância. Campus Morro do Cruzeiro - R. Três, s/n - Sala 211 - Vila Itacolomi, Ouro Preto - MG, 35400-000. Email: carlajatobaferreira@gmail.com.
- 2 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal de Ouro Preto - MG- Brasil. E-mail: monicarahme@ufmg.br.
- 3 Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto - MG- Brasil. E-mail: fernandacarvalho41@gmail.com.

to da Barragem de Fundão abordados pela mídia, destacando como esta, através de seus meios impresso e virtual, focalizou a situação das crianças dos distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo (pertencentes ao município de Mariana, no estado de Minas Gerais, Brasil) atingidas, em 05 de Novembro de 2015, pela maior tragédia ambiental ocorrida no país. Na ocasião, aproximadamente 40 bilhões de litros de rejeitos de minério de ferro vazaram da barragem, de propriedade da empresa Samarco (Vale e BHP Billinton), transformando as localidades acima citadas em verdadeiro mar de lama. A tragédia provocou a morte de 19 pessoas, entre estas duas crianças, destruindo completamente esses distritos, onde residiam aproximadamente 254 famílias. Para o desenvolvimento deste artigo, tem-se como aporte teórico os pressupostos da Sociologia da Infância que possibilitam a discussão da (in) visibilidade das crianças, a forma como suas vidas foram afetadas, sua relação com a escola e, dentre outros aspectos, as incertezas que cercam seu futuro. Como procedimento metodológico, foi realizada pesquisa documental em revistas e jornais que abordaram o tema desde o momento de eclosão da tragédia até Julho de 2016. A análise desses documentos indica que embora as vozes das crianças não ocupem uma posição de destaque nas matérias selecionadas, emergem em algumas reportagens de maneira tímida e secundária, sobretudo na perspectiva de enfatizar os sentimentos de perda que a tragédia provocou no cotidiano de suas vidas.

Palavras-chave: crianças, mídia, tragédia, efeitos no meio ambiente, vida comunitária.

Abstract

This work is aimed at discussing some of the aspects approached by the media related to the Fundão dam's rupture. It hi-

ghlights how the media focused, through its printed and virtual means, on the situation of the children from Bento Rodrigues and Paracatu de Baixo, both villages belonging to the town of Mariana (Minas Gerais, Brazil) and how these children were affected by the largest environmental tragedy in the country's history on 5 November 2015. About 40 billion liters of iron waste leaked from the dam – property of Samarco, a joint venture between Vale and BHP Billinton –, transforming the villages aforementioned in a sea of mud. The tragedy resulted in a death toll of 19, including 2 children, and it completely destroyed these places where around 254 families used to reside. This paper is theoretically supported by the Sociology of Childhood's assumptions, which allows a discussion of these children's (in) visibility, the way how their lives have been affected, their relationship with school, and among other aspects, the uncertainties of their future. As a methodological procedure, a document search in magazines and newspapers that addressed the theme from its outbreak until March 2016 was performed. The analyses of such documents indicate that even though these children's voices have not been spotlighted in the articles selected, in some of them they are shyly and secondarily brought up, especially when it comes to emphasizing the sentiment of loss provoked by the tragedy in their everyday lives.

Keywords: children, mass media, tragedy, environmental effects, community life.

Introdução

O trabalho objetiva discutir como o discurso midiático, impresso e virtual, aborda a situação das crianças dos distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, pertencentes ao município de Mariana (Minas Gerais, Brasil), atingidos, em 05 de novembro de 2015, pela maior tragédia ambiental ocorrida no país. Aproximadamente 40

bilhões de litros de rejeitos de minério de ferro vazaram da Barragem de Fundão, de propriedade da empresa Samarco (Vale e a anglo-australiana BHP Billinton), transformando as localidades acima citadas em verdadeiro mar de lama. A tragédia provocou a morte de 19 pessoas, entre estas duas crianças, destruindo completamente esses distritos, onde residiam aproximadamente 254 famílias. Ao executar seu catastrófico percurso até o oceano atlântico, a lama e os restos de minério atingiram a bacia do Rio Doce, um dos maiores rios da região, impactando de forma grave as águas, as terras e a vida das populações ribeirinhas dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. A verdadeira dimensão do desastre é tida como incomensurável por especialistas e o processo de recuperação ambiental das áreas atingidas, como impossível de ser previsto com exatidão.

O distrito histórico de Bento Rodrigues, cuja fundação data do século XVIII (1708), é considerado como uma das primeiras localidades de Minas Gerais, nascida com o início da exploração mineral e marcada pela busca do “cobiçado metal”, o ouro. Bento Rodrigues porta em seu nome a marca do bandeirante paulista Bento Godói Rodrigues, que nestas terras chegou, desbravando serras e matas, auxiliado por indígenas carijós⁴ Sua população não passava de 600 habitantes, sendo comumente chamado por todos de “O Bento”. Consuelo Dieguez⁵ diz:

Era uma vila bucólica, cercada por dois riachos cujas pequenas pontes levavam ou à vizinha Santa Rita Durão ou à estrada para Mariana. Tinha ruas asfaltadas e casas bem construídas. Boa parte dos seus habitantes trabalhava na Samarco ou nas empre-

sas que lhe prestavam serviço. Quem não fazia isso cuidava da roça. Para o pessoal do Bento, Mariana, a quarenta minutos dali, era cidade grande, e a maioria ia até lá apenas para resolver burocracias (p. 20).

A barragem de Fundão foi projetada em 2006, acima do povoado, e “há muito ameaçava a existência do vilarejo”⁶ Tal construção é demonstrativa de interesses que regem governos e empresas, uma vez que se questões de segurança da população e do meio-ambiente fossem consideradas, tal empreendimento não poderia ter sido construído nas proximidades dos distritos, constituindo uma ameaça constante e imperiosa aos moradores dos pacatos vilarejos. Em seu depoimento (citado pelo delegado da polícia Civil de Minas Gerais, Rodrigo Bustamente, e apresentado na matéria de Dieguez⁷), a gerente de Geotecnia e Hidrologia da Samarco, Daviely Rodrigues da Silva, responsável pelo Monitoramento da barragem, revelou

Que [a Barragem de] Fundão, projetada em 2006, pela empresa Pimenta de Ávila e construída pela empresa Camter, sempre apresentou problemas de drenagem. O primeiro deles foi em 2009, quando surgiu um vazamento; em 2010, um segundo; e outro, mais sério, em 2012. Todos foram reparados (p.25).

Reportando-nos, ainda, a Consuelo Dieguez⁸, quando trata da história dos responsáveis pela tragédia⁹, a jornalista relata

6 Jornal Folha de São Paulo on line, 2015.

7 Consuelo Dieguez. “A onda”, Piauí, 10 julho 2016, 118.

8 Idem à nota anterior.

9 Discorrer em detalhes sobre as causas do rompimento da barragem de Fundão foge aos limites do nosso texto, entretanto a matéria supracitada detalha com muitas informações o assunto. Para aqueles interessados informamos que a matéria pode ser visualizada no site piaui.folha.uol.com.br/edição/118.

4 Marília Mesquita, “Bento Rodrigues”, Curinga, Mariana (MG), março de 2016, edição especial.

5 Consuelo Dieguez. “A onda”, Piauí, 10 julho 2016, 118.

que a Samarco fez por conta própria uma obra na estrutura da barragem, “mudou seu eixo, encurvando-o, para que ela pudesse comportar maior volume de rejeitos, mas não comunicou a obra aos órgãos ambientais do estado...” (p. 25). Complementando a discussão sobre essa questão, Lúcia Paixão¹⁰ analisa que: “Houve negligência e inércia na operação e no controle dessa barragem de rejeitos, que trouxeram consequências sem precedentes na história da mineração brasileira. Nenhum sistema de contenção de rejeitos se rompe de um dia para outro sem ter dado algum indicio prévio” (p. 38).

Quanto às consequências desta tragédia, a jornalista acentua que a empresa Samarco Mineração S. A.”(...) atingiu, com este acidente, cenários catastróficos em estudos de análise de risco, levando a destruição não só de vidas humanas e de ecossistemas inteiros. Mas também de histórias, patrimônios culturais, áreas de lazer, locais de trabalho, fontes de renda, sonhos...” (p.38).

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Minas Gerais (CREA)¹¹ ao discorrer sobre a extensão e os impactos ambientais do *tsunami* de lama nas localidades próximas, nos conta que

A lama também afetou Águas Claras, Ponte do Gama, Paracatu e Pedras, além das cidades de Barra Longa e Rio Doce (...) A enorme quantidade de rejeitos afetou gravemente todo o Rio Doce. A contaminação ocorreu desde a nascente, nas cidades de Santa Cruz do Escalvado e Rio Doce, até a foz, em Linhares, no Espírito Santo, provocando a morte de peixes e animais. Além disso causou colapso no abastecimento de água de grandes cidades

como Governador Valadares e Colatina, e deixou sem trabalho centenas de pescadores e produtores rurais (, p. 8).

Este desastre provocou reações diversas: indignação, medo, revolta e o desamparo dos habitantes dos distritos diante da brusca ruptura de suas formas de viver. Não podemos dizer se a população atingida tinha consciência da gravidade dos riscos presentes em seu cotidiano. Viver em situações de ameaça e vulnerabilidade traz intranquilidade, pois “Os desastres são a materialização da potencialidade dos riscos, através da disrupção social de uma racionalidade anteriormente estabelecida, cujas consequências envolvem a perda de bens materiais e, para que se confirme um desastre, a perda de vidas humanas”¹².

Os moradores das localidades atingidas têm suas vidas para sempre marcadas pelo ocorrido. A perda de entes queridos, das suas casas e quintais, do estilo de vida, do ambiente rural que determinava o ritmo dos dias e da proximidade relacional entre os habitantes foram para sempre arrastados pela lama, como ressalta Stela Diogo¹³ ao comentar sobre os moradores de Bento Rodrigues:

O rompimento da barragem de Fundão fez romper também a paz, a harmonia e a união das cerca de 600 pessoas que, independentemente dos laços sanguíneos, compartilhavam a solidariedade e o bom convívio que o subdistrito de Bento Rodrigues oferecia. Muitas vidas se salvaram. No entanto, suas casas, suas ruas e as verdes áreas de agricultura familiar torna-

10 Lúcia Paixão, “A mineração não será mais a mesma”, Revista Ecológico, Belo Horizonte, Janeiro/ Fevereiro de 2016.

11 Vértice, Revista CREA-MINAS, Belo Horizonte, Jan-mar, 2016, edição especial.

12 Norma Valencio, “Da morte da quimera à procura de Pégaso: a importância da interpretação sociológica na análise do fenômeno do desastre”, em *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*, eds. Norma Valencio, Mariana Siena, Victor Marchezini, Juliana Costa Gonçalves (São Carlos (SP), RiMa Editora), p. 7.

13 Stela Diogo, “Mapas de afeto”, Curinga, março de 2016, edição especial.

ram-se escombros de lama. O pequeno espaço de Minas Gerais, fundado no século XVIII, agora remete apenas às lembranças das gerações que passaram por lá. Parte das memórias e elos construídos naquele vilarejo foram soterrados. Para sempre (p.13).

De certa forma, mesmo não sendo moradores das localidades atingidas, inúmeras pessoas de diversas partes do país, estarecidas, comentavam o desastre intensamente divulgado pelos meios de comunicação. A propagação das notícias unida à intensidade das cenas divulgadas nos invadia capilarmente, sensação esta que nos leva a Maria Helena Pereira Franco¹⁴ quando afirma que “a agilidade dos meios de comunicação e a quase onipresença da informação, aliadas ao sofrimento humano presente em diferentes escalas, fazem com que as pessoas se sintam participantes e, muitas vezes, também atingidas” (p. 55).

Vivemos em tempos de ameaças modernas, ou seja, fabricamos os riscos (como nomeia Giddens citado por Marchesini)¹⁵ e a instalação de barragens tem sido caracterizada como um evento de risco. Entretanto, os acidentes com barragens não são novidades no Brasil (como indica Menescal apud Gonçalves; Marchezini; Valencio)¹⁶. Talvez, a originalidade deste esteja na sua

especificidade como barragem de rejeitos de mineração, provocando o *tsumani* de lama e, também, por ser classificado como o maior acidente ambiental já ocorrido no país. A advertência feita nos remete a Gonçalves et al.¹⁷, quando destacam que “A pouca experiência histórica do homem em situação de confronto com os riscos fabricados fica evidente quando se pensa em riscos ambientais - como aquecimento global e efeito estufa, para ficar nos mais conhecidos. Esse é o caso do colapso de barragens” (p. 161). Colapso que se disseminou pelas vidas dos habitantes de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo, e demais localidades e águas que a lama foi pintando de marrom até alcançar o mar no município de Regência, no estado do Espírito Santo.

A população dos distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo estava exposta a uma situação de risco, entre a ameaça e a vulnerabilidade¹⁸. Entre as vítimas, havia duas crianças. O fato nos remete à diversidade de situações atuais inseridas no cotidiano de muitas crianças, quando são obrigadas a vivenciar situações de vulnerabilidade, como indica Beatriz Janine Pavan¹⁹:

(...) também novos riscos ambientais relacionados aos altos níveis de poluição, contaminação dos rios, uso indiscriminado de agrotóxicos na produção de alimentos e desastres naturais relacionados ao clima. As crianças apresentam uma vulnerabili-

14 Maria Helena Pereira Franco, “Crises e Desastres: a resposta psicológica diante do luto”, *O Mundo da Saúde*, 2012; 36(1).

15 Vitor Marchesini, V. (2009). “Dos desastres da natureza à natureza dos desastres” em *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*, eds. Norma Valencio, Mariana Siena, Victor Marchezini, Juliano Costa Gonçalves (São Carlos (SP), RiMa Editora).

16 Juliano Costa Gonçalves e Victor Marchezini e Norma Valencio, “Colapso de barragens: aspectos sócio-políticos da ineficiência da gestão dos desastres no Brasil” em *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*, eds. Norma Valencio, Mariana Siena, Victor Marchezini, Juliano Costa Gonçalves (São Carlos (SP), RiMa Editora).

17 Idem à nota anterior.

18 Érico Soriano e Norma Valencio, “Riscos, Incertezas e Desastres Associados às barragens: os riscos referentes à Itaipu Binacional” em *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*, eds. Norma Valencio, Mariana Siena, Victor Marchezini, Juliano Costa Gonçalves (São Carlos (SP), RiMa Editora).

19 Beatriz Janine Cardoso Pavan, “O olhar da criança sobre o desastre: uma análise baseada em desenhos” em *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*, eds. Norma Valencio, Mariana Siena, Victor Marchezini, Juliano Costa Gonçalves (São Carlos (SP), RiMa Editora).

dade especial diante do desastre, pois além da fragilidade física, esta é, na maioria das vezes, uma situação inédita a ser enfrentada, o que gera angústias, medos e traumas (p. 96).

As crianças de Bento e Paracatu viveram este trauma que para sempre estará enlaçado às suas vidas. A pressa para abandonar suas casas, a escola, os quintais, seus animais de estimação, e assistir dos morros o *tsumani* de lama invadindo todos seus espaços de vida, significa também ter vivenciado este espetáculo aterrorizante que, agora, apresenta-se preso à memória dos seus anos de infância. Além disso, acompanhar a morte das pessoas do lugar sufocadas pela lama, saber que entre estas havia duas crianças, estar junto à sua família, parentes e amigos vítima do desastre. Esse sentimento de luto “coloca em questão muitas crenças básicas, necessárias para garantir a segurança da pessoa, como a estabilidade no mundo” (p.57)²⁰.

Todavia, os estudos da Sociologia da Infância destacam a singular capacidade apresentada por crianças diante de situações fortemente traumáticas como guerras e situações de extrema precariedade, de possuírem recursos simbólicos que as levam a lidar com as situações por meio de jogos e construções imaginárias distintas da dura realidade que as cercam. Sarmento²¹ nos toca profundamente e vem ao nosso encontro ao relatar que

Entre as crianças que brincam com uma Barbie, ou que chutam um crânio humano, ou que empunham uma kalashnikov de plástico, ou que jogam ao berlimde, ou lançam o peão (...) há todo um mundo de diferenças: de condição social, de contexto, de valores, de referências simbólicas, de expectativas e possibilidades. Mas há

também um elemento comum: a experiência das situações mais extremas através do jogo e da construção imaginária de contextos de vida. (p. 1).

Neste trabalho, procuramos destacar como o discurso midiático abordou a situação das crianças vítimas do rompimento da barragem de Fundão. Com este objetivo, abordaremos em seguida aspectos teóricos referentes à forma como a mídia tem destacado a infância em suas produções discursivas.

A criança e a mídia

Segundo Roland Barthes²², a linguagem funciona como uma legislação que tem na língua seu código e que lapida as construções do dizer. Nessa perspectiva, a matéria jornalística pode ser considerada como sendo a construção de um texto datado e proferido no interior de um contexto sociocultural, atravessado pelas relações de poder e pelas disputas sociais. Todavia, embora esses pontos críticos possam questionar essa produção como verdade, o texto jornalístico, midiático é apresentado e interpretado, muitas vezes, como uma verdade, obscurecendo a reflexão de que se a verdade está em algum lugar, “nunca é no fato [em si], mas em quem o vê como verdade”, como indica Fernando Resende²³.

Para Foucault²⁴, nossa sociedade sustenta uma relação de temor diante da dimensão de descontinuidade, desordem e violência que o discurso comporta, pois venera justamente a ideia de verdade. Diante disso, o autor aponta a necessidade de se quebrar essa lógica, provocando questionamentos em nossa “vontade de verdade”, e restituindo o caráter de acontecimento

20 Idem nota 15.

21 Manuel Jacinto Sarmento, “Imaginário e culturas da infância”, *Cadernos de Educação*, v. 12, 2003.

22 Roland Barthes. *A aula* (São Paulo: Editora Cultrix, 1992).

23 Fernando Resende, “O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro”, *Revista Galáxia*, n. 18, 2009.

24 Michel Foucault. *A Ordem do Discurso* (São Paulo: Edições Loyola, 1996).

ao discurso. Foucault introduz o conceito de “formação discursiva”, que expressa a existência de formas diferenciadas de produção do discurso, determinadas por regras sócio-históricas que se ligam diretamente aos tempos e espaços da enunciação propriamente dita. Desse modo, analisar um discurso, é historicizá-lo e temporalizá-lo, pois o texto tem seus sentidos ampliados quando relacionado às manifestações sociais e históricas dos contextos que cercam sua produção.

Tendo como referências as discussões acima, podemos apontar que o discurso midiático, jornalístico, busca instaurar verdades sobre fatos que se circunscrevem em uma variedade de determinantes sociais, culturais, históricos e econômicos, determinantes esses, muitas vezes, simplificados e reduzidos a uma interpretação linear ou “autoritária”, como ressalta Resende²⁵. O autor destaca, nesse sentido, o modo autoritário como as narrativas jornalísticas são formuladas, imprimindo versões fundamentalmente unilaterais, mas que se pretendem, publicamente, imparciais e objetivas:

Na narrativa jornalística, a forma autoritária de narrar histórias se mantém, e, de certa forma, com mais agravantes por apresentar-se velada. Envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, o discurso jornalístico tradicional — o que encontra legitimidade epistemológica — coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano (p. 35-36).

É necessário, portanto, exercitar um pensamento crítico em relação a esse discurso, de modo a possibilitar o confronto de perspectivas na análise dos fatos, ainda que se reconheça a presença de uma “le-

gitimidade epistemológica” no jornalismo tradicional.

No que se refere ao jornalismo ambiental, presente em muitas das matérias publicadas sobre a tragédia da Barragem de Fundão, Sarah Motter²⁶ cita as três perspectivas caracterizadas por Bueno em torno das dimensões informativa, pedagógica e política dessa vertente jornalística, que deveriam funcionar como um recurso de aprofundamento do leitor no conhecimento dos distintos fatores que produzem, por exemplo, um desastre ambiental. Espera-se, assim, que o jornalismo ambiental se disponha a ouvir as distintas vozes que se encontram envolvidas nas tragédias e que não opere de modo restrito nas dimensões sensacionalista e dramática desses acontecimentos.

Em contrapartida, analisando uma semana de cobertura jornalística do acidente ambiental da Serra Carioca (estado do Rio de Janeiro), ocorrido em Janeiro de 2011, por um jornal de grande circulação no país, Motter²⁷ destaca a análise superficial dos fatos pelo veículo de comunicação. Segundo a autora, as referências citadas nas matérias eram basicamente focadas nos dados oficiais e em falas acadêmicas que responderiam a uma pretensa parcialidade na abordagem da tragédia, quando se reconhece, na atualidade, que a ciência não é neutra. Durante o período de uma semana, 50% das matérias focalizavam basicamente dados quantitativos, como número de mortos e feridos, prejuízos e demais decorrências da tragédia. As matérias não refletiam, por exemplo, sobre as conjunturas menos imediatas que teriam provocado o desastre e sobre a hipótese da tragédia ter decorrido da ação humana.

26 Sarah Bueno Motter, “A cobertura de um desastre ambiental: construção da informação no jornal Zero Hora”, Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental, 2014.

27 Idem nota anterior.

25 Idem à nota 24.

No que se refere à presença das crianças no discurso midiático, os trabalhos de Buitoni²⁸, Laurindo e Formentin²⁹ trazem algumas problematizações relevantes, e que nos permitem refletir sobre a realidade específica do que foi retratado sobre as crianças dos distritos atingidos pela ruptura da Barragem de Fundão, em novembro de 2015.

Na compreensão de Buitoni³⁰, o jornalismo mantém uma “forte vinculação com o acontecimento”, fazendo com que a narração tenha o desfecho de um fato como ponto de partida. Como é atribuída pouca importância política à criança, que representa mais a ideia de começo do que do “acontecimento como finalização de uma ação”, sua imagem na mídia impressa brasileira tende a apresentar um “caráter genérico” (p. 208) e, portanto, distante da perspectiva de um protagonismo infantil.

A partir de um estudo qualitativo realizado sobre imagens de crianças na imprensa brasileira, abrangendo a segunda metade do século XIX e, mais intensamente, jornais e revistas a partir de 1960, Buitoni³¹ observa que nas primeiras representações analisadas figura a ideia de “pobreza e denúncia”, relativa à situação das crianças debilitadas pela seca do Nordeste. A autora chama a atenção para o quanto a inserção de uma criança na imagem provoca “sentimentos de compaixão ou revolta”, tendo em vista a consideração de sua “fraqueza e necessidade de proteção” (p. 213). Para a autora, a “representação fotográfica das crianças brasileiras oscila entre a favela, o menino e a menina em situação de risco,

a criança atingida pela seca do Nordeste e os escolares ou pequenos consumidores da classe média. A criança como protagonista é invisível” (p. 229).

A relação visibilidade e invisibilidade da criança no discurso midiático é discutida, também, por Laurindo e Formentin³², ao analisarem a temática crianças e telejornalismo. Para as autoras, as crianças ganham visibilidade na mídia quando são representadas em situação de violência e de crime, sendo agressoras ou vítimas, ou quando há abuso físico ou sexual em jogo. Para as autoras, a invisibilidade das crianças na mídia responde à perspectiva de que seu mundo deve ser preservado. Por outro lado, o “mundo infantil” pode ser explorado e ganhar visibilidade no discurso midiático quando “invadido de modo violento” (p. 469).

Outro ponto destacado por Laurindo e Formentin³³ é o de que as matérias de um programa são definidas pelos adultos, assim “qualquer que seja a cultura a maneira como a criança será apresentada depende de como o adulto permitirá que isso aconteça” (p. 464).

No caso da produção de imagens, Buitoni³⁴ cita uma experiência realizada pelo jornal polonês *Wyborsza*, em 2002, quando foram publicadas fotografias feitas pelas próprias crianças. A autora observa que no Brasil algumas Organizações Não-Governamentais promovem oficinas de fotografias com crianças e adolescentes, mas que “esses trabalhos, muitas vezes de grande riqueza expressiva, não encontram divulgação na grande mídia” (p. 229).

A tragédia ocasionada pela ruptura da Barragem de Fundão produziu discursos midiáticos e visões sobre as populações nativas dos distritos atingidos, produzindo representações e interpretações sobre a

28 Dulcília Helena Schroeder Buitoni, “Crianças na mídia impressa brasileira: fotojornalismo ou ícone ilustrativo”, em eds. Dimas Künsch e Simonetta Persichetti Kunsch. Comunicação: entretenimento e imagem. São Paulo: Plêiade. 2013.

29 Elizângela De Bona Laurindo e *Claudia Nandi Formentin*, “Crianças e telejornalismo: como a infância está representada no *Jornal Nacional*”, *Poiésis*, v. 4, n. 8, 2011.

30 Idem nota 29.

31 Idem nota anterior.

32 Idem nota 30.

33 Idem nota anterior.

34 Idem nota 29.

atividade da mineração no estado de Minas Gerais, sobre a responsabilidade do poder público e da sociedade civil organizada e sobre a situação da população atingida, que precisou ser removida com urgência para a casa de parentes e pousadas da cidade de Mariana.

Passaremos, então, a focalizar matérias que circularam na mídia sobre a tragédia da barragem de Fundão entre os meses de Novembro de 2015 a Julho de 2016, e que apresentam alguns dados sobre a percepção das crianças em torno desse acontecimento. Esses dados foram levantados a partir de uma pesquisa realizada nos jornais *Estado de Minas* e o *Lampião*, nas revistas *Piauí* e *Veja*, e em dois blogs, o do Sakamoto e do *Greenpeace*, como pautaremos no próximo item.

Sobre as crianças e suas vozes

O *Estado de Minas* é um dos jornais diários que tem relevância no país, retratando os fatos significativos do estado de Minas Gerais. O material investigado foi composto por edições deste jornal no período entre 08 de novembro de 2015 a 03 de dezembro de 2015.

A partir da análise de dezesseis números desse jornal, constatamos a existência de oito notícias nas quais as crianças eram mencionadas. Entre estas, três relataram as mortes das duas crianças em decorrência do rompimento da Barragem de Fundão em Bento Rodrigues. Uma das crianças era um menino de sete anos de idade que residia com a avó materna, e cuja mãe tinha o ofício de soldadora. A outra vítima era uma menina de cinco anos de idade. A mãe da menina tem mais um filho de um ano e estava no terceiro mês de gestação na ocasião do rompimento. O período das notícias ocorreu bem próximo ao rompimento (08/11/2015, 09/11/2015 e 11/11/2015).

As falas de crianças surgiram em três edições. A edição do dia 11 de novembro

deu destaque à fala de uma menina de doze anos, da cidade mineira de Governador Valadares (Minas Gerais), expressando sentimentos e pensamentos sobre a contaminação do Rio Doce:

“Na escola, ensinaram que tem de cuidar do meio ambiente. Antes já estava triste. Depois do que aconteceu lá em Mariana, ficou pior ainda”, lamentava a menina enquanto observava a água barrenta do Rio Doce, que mudou do esverdeado natural para o vermelho (...) “Tem peixe grande, pequeno, de tudo quanto é tamanho, tudo morto. E o Lixo? É feio, é triste. O cheiro está ruim. O que dá pra fazer? Nada...” (p. 13)³⁵.

A edição de 24 de novembro de 2015 registrou a fala de uma criança indígena de três anos que lamentou o envenenamento do “Uatu Nek” na cidade de Resplendor, leste de Minas Gerais, distante 500km da capital do estado, Belo Horizonte:

“Não entro mais na água. A lama venenosa matou tudo.”, diz a garotinha, da tribo Krenak, que desde antes da chegada de Pedro Álvares Cabral vive às margens do Rio Doce como os brancos batizaram o curso d’água que agora fazem agonizar. (...) Alesandro, de 8, explica à sua gente que o melhor é ficar longe do Uatu: “A lama trouxe veneno. Se a pessoa tiver contato com a água, pode adoecer”. Mas os anciãos da aldeia, às vezes, agem como as crianças e se banham na água com minério. (p. 16)³⁶.

Na edição de 27 de novembro de 2015, uma criança de dois anos foi abordada por uma repórter do jornal na cidade de Mariana. Foi questionada sobre a preferência entre o hotel, no qual teve que se alojar jun-

35 Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte (Minas Gerais), 11 de Novembro de 2015.

36 Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte (Minas Gerais), 24 de Novembro de 2015.

tamente com sua família, ou sua casa em Bento Rodrigues. A fala da criança foi reproduzida, marcando sua insatisfação pelas perdas (da casa, do cachorro, do peixinho). A matéria mencionou reações sintomáticas da criança como perda de apetite e dificuldade do sono:

- F., você gosta mais do hotel ou da sua casa?
- De Bento.
- E onde está Bento? – completa a gata com um gesto desolado e a expressão de “puf!”.
- Bento? Cabou! (p. 15)³⁷

Cabe mencionar que entre essas três falas, apenas uma era de uma criança diretamente envolvida na tragédia da Barragem de Fundão.

Nossa investigação mostrou que entre sete matérias relativas ao tema do rompimento da barragem de Fundão publicadas na revista *Veja* (sendo uma versão impressa e as outras seis, online), entre os dias 07 de novembro de 2015 e 27 de janeiro de 2016, não houve menção às falas das crianças. A revista *Veja* é publicada semanalmente e tem circulação nacional.

Com relação aos blogs pesquisados, constatamos que o do Sakamoto e do Grenepeace não mencionaram nenhuma nota sobre as crianças.

O *Lampião*, jornal laboratório produzido por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, tratou em sua 21ª. edição (Janeiro de 2016) exclusivamente do rompimento da barragem, das consequências na vida da população, da destruição ambiental e da maneira predatória como a atividade mineradora é desenvolvida na região. O *Lampião* deu destaque às vozes infantis:

A estudante Jennyfer Fialho dos Santos, 11, recorda com saudade a vida em Bento Rodrigues. Os fins de semanas no distrito e a expectativa pela construção da piscina no quintal de casa são memórias ainda muito vivas. Em poucos minutos, a lama do Fundão transformou a realidade em sonho a ser recuperado. “Meu desejo é que façam um novo Bento, o mais parecido possível. Antes meu sonho era que melhorasse, porque lá tinha pouca coisa.” (p. 6)³⁸.

O *Lampião* dedicou uma das suas páginas à educação das crianças e adolescentes moradores de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. A aluna responsável pela matéria *Todos na escola, menos dois* conversou com duas crianças de 8 anos. Uma das crianças, um menino, morador de Bento Rodrigues, ao ser questionado sobre sua bicicleta, afirmou:

“Perdi.” (...) Como está no colégio? “Estou gostando”, responde timidamente. “Lá na nossa escola, tinha Lego e nessa não tem. As mesas de lá eram de madeira e aqui tudo é de plástico”, compara. E a merenda? “Era mais gostosa.” (...) A professora é a mesma? Concorde com a cabeça. E os coleguinhas? “Tem que morreu... Na lama. Ele se chama Thiago.” (p. 11)³⁹.

A outra criança, uma menina de 8 anos, também moradora de Bento Rodrigues, relata :

“Na nova escola, Silvany brinca com todos os coleguinhas, menos um. Ele não se salvou. Algumas pessoas dizem que encontraram ele morto, outros dizem que não.”

A saudade da antiga escola aparece na fala de Silvany. “Tinha a quadra e um

37 Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte (Minas Gerais), 27 de Novembro de 2015.

38 Jornal O lampião, Mariana (Minas Gerais), Janeiro de 2016.

39 Idem nota anterior.

parquinho para os meninos menores”. Ela gostava muito de brincar na rua e pular corda. “Brincava também no barrô, sujava a roupa toda e minha mãe brigava.” (...) (p. 11)⁴⁰.

A morte da menina de 5 anos também foi mencionada nessa matéria pois ela também estudava na escola de Bento Rodrigues.

Consuelo Dieguez⁴¹ narra aspectos que envolveram as crianças do Bento naquele fatídico dia 05 de novembro de 2015. Ao lermos seu texto, é impossível não ficarmos perplexas diante do horror e aflição que tomaram conta da diretora da escola, Eliene dos Santos, e dos moradores na tentativa de salvar as crianças que estavam na escola:

[A diretora] Mal dera alguns passos quando ouviu seu nome. Seu marido a chamava, assustado. Ao vê-lo percebeu que algo de muito grave acontecera. Wiley dos Santos, conhecido como Lelei, estava pálido, o pavor estampado no rosto. O coração dela acelerou. Achou que acontecera alguma coisa com o filho deles e correu em direção à porta. Então o marido lhe disse para tirar todo mundo de lá porque a barragem havia rompido e estava descendo em direção ao povoado. Aos gritos ela pediu a uma professora que a ajudasse a avisar aos alunos. A colega correu para as salas da 6ª e 7ª séries. Santos foi avisar os da 5ª e da 8ª. “Todo mundo para fora, todo mundo para o alto de Bento. A barragem rompeu”, ela berrava...

Já se preparava para entrar no carro do marido quando se deu conta de que na última sala do prédio havia uma pequena turma de reforço que não fora alertada. Voltou agoniada, quase sem

ar, abriu a porta da sala e, com voz trêmula, mandou que todos saíssem. Então deu-se o inesperado. As crianças apavoradas, ficaram paralisadas e não se mexeram. Santos tentou falar novamente, mas, com a boca seca, sua voz não saiu. Num esforço desesperado ela soltou um grito que tirou os alunos do torpor em que se encontravam: “É para sair agora senão vamos morrer!” As crianças correram. As sessenta pessoas que estavam na escola evacuaram o local em cinco minutos. Como a Samarco não havia treinado os moradores para situação de emergência, a retirada foi na base do imprevisto. Ao voltar para o carro, Santos avistou o ônibus que seguia para Santa Rita (...). As crianças lotaram o veículo que acelerou (p. 20).

Aspectos conclusivos

Dez dias após o rompimento da Barragem de Fundão, as crianças foram conduzidas para a escola Municipal Dom Luciano na cidade de Mariana. Frequentamos esta escola durante as duas últimas semanas de aula de 2015, e vimos, bem próximo a nós, como as crianças estavam aflitas e o esforço considerável das professoras para reconduzir o processo educativo diante de tamanha catástrofe.

Em edição especial da Revista Curirga⁴², Alcione, funcionária da Escola Estadual de Bento Rodrigues que passou a atuar com os alunos dos dois distritos na Escola Dom Luciano, narra suas percepções sobre a difícil adaptação dos estudantes à nova realidade, que impõe outros territórios e rotinas. Em relação à escola do distrito de Bento Rodrigues, a funcionária comenta a posição de referência que a escola ocupava na comunidade, acolhendo reuniões da associação de moradores, cursos, oficinas, campanhas de vacinação e palestras na área da saúde.

40 Idem nota anterior.

41 Idem nota 5.

42 Revista Curirga, edição especial, março de 2016.

Quanto às famílias, estas também foram convidadas a substituírem os hotéis onde estavam aloçadas por casas alugadas pela empresa Samarco em distintos bairros da cidade. Desta forma, a vida dos ex-moradores dos distritos assumindo novas rotinas onde a luta pela reconstrução dos distritos se faz forçosamente presente e as incertezas quanto ao futuro são acentuadas. No dia 4 de Fevereiro de 2016, assistimos, por meio da imprensa local e nacional, a força dos moradores (entre estes uma professora do distrito de Paracatu de Baixo) em protesto relativo à transferência do caso para a justiça federal, em Brasília.

Até a conclusão deste trabalho, inquéritos das polícias Civil e Federal foram desencadeados, indiciando pessoas envolvidas na tragédia. O Ministério Público Federal denunciou 22 pessoas por participação direta nos acontecimentos, sendo 21 delas acusadas de homicídio qualificado com dolo eventual.

A partir dos dados apresentados neste trabalho, podemos apontar que embora as vozes das crianças não ocupem um lugar de destaque nas matérias analisadas, emergem em algumas reportagens, ainda que de maneira tímida. Nessas matérias, elas abordam os efeitos da catástrofe no cotidiano de suas vidas, sobretudo pelo sentimento de perda que esse fato faz emergir. Essas matérias ainda estão distantes de expressar um protagonismo infantil, como assinala Buitoni⁴³, mas permitem que o leitor se aproxime, pelo menos um pouco, das questões por elas destacadas.

Referências

Barragem de Fundão. Em: Vértice. Revista CREA-MINAS. Edição Especial. Jan-fev-mar, 2016.

Barthes, Roland. . A aula. São Paulo: Editora Cultrix.

Dulcília Helena Schroeder Buitoni, Crianças na mídia impressa brasileira: fotojornalismo ou ícone ilustrativo, em eds. Dimas Künsch e Simonetta Persichetti Kunsch. Comunicação: entretenimento e imagem São Paulo: Plêiade, 2013.

Curinga. Revista Laboratório. Jornalismo. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. UFOP. Ano VI., 2016 (Edição Especial).

Damasceno, Renan.;Paranaíba, Guilherme. . Lágrimas de quem vê um rio morrer. Estado de Minas. Belo Horizonte, p. 13, 11 nov. 2015

Dieguez, Consuelo. A onda. In: Piauí 118. 10 julho 2016.

Diogo, Stela. Mapas de afeto. Em: Cuririga. Revista Laboratório. Jornalismo. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. UFOP. Ano VI, 2016 (Edição Especial).

Foucault, Michel . A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Franco, Maria Helena. Crises e Desastres: a resposta psicológica diante do luto. Em: O Mundo da Saúde, São Paulo- 2012; 36(1), p. 54-58. Disponível em:

www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/90/06.pdf. Acesso 10 agosto 2016.

Gonçalves, Juliano. C.; Marchesini, Vitor; Valencio, Norma . Colapso de barragens: aspectos sócio-políticos da ineficiência da gestão dos desastres no Brasil. In: Valencio, Norma; Siena, Mariana; Marchesini, Vitor; Gonçalves, Juliano. C. (orgs). Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil (pp.). São Carlos: RiMa Editora, 2009, p. 160-175.

Higídio, Aleone. Todos na escola, menos dois. Lâmpião, Jornal-laboratório, Jornalismo UFOP, Mariana, p.11, jan 2016.

Kiefer, Sandra. Três gerações traumatizadas pela lama. Estado de Minas. Belo Horizonte, p.15, 27 nov 2015.

De Bona Laurindo e Formentin, “Crianças

43 Idem à nota 29.

- e telejornalismo: como a infância está representada no Jornal Nacional”, *Poiésis*, v. 4, n. 8, 2011.
- Laurindo, Elizângela. B.; & Formentin, Claudia N. Crianças e telejornalismo: como a infância está representada no Jornal Nacional. *Poiésis*, v. 4, n. 8, 2011, 456-472.
- Lobato, Paulo Henrique. . ‘O Uatu está morto’. Estado de Minas. Belo Horizonte, p.16, 24 nov. 2015.
- Marchesini, Vitor. (2009). Dos desastres da natureza à natureza dos desastres. Em: Valencio, Norma; Siena, Mariana; Marchesini, Vitor; Gonçalves, Juliano C. (orgs). *Sociologia dos Desastres-Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil.* São Carlos: RiMa Editora, 2009, p. 48-57.
- Melquíades, Agliene; Vieira, Ana Carolina. Fragmentos de uma tragédia marianense. *Lampião, Jornal-laboratório, Jornalismo UFOP, Mariana*, p.6, jan. 2016.
- Motter, Sarah B. (2014). A cobertura de um desastre ambiental: construção da informação no jornal Zero Hora. Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental. Porto Alegre: UFRGS, 2014, p. 478-508.. https://anaisenpja.files.wordpress.com/2014/12/ic_e_sarah.pdf. Acesso em 08/02/2016. (10 de Fevereiro de 2016).
- Paixão, Lúcia A mineração não será mais a mesma. In: *Revista Ecológico*. Ano 8- n° 87- Janeiro/ Fevereiro de 2016.
- Pavan, Beatriz J. C. O olhar da criança sobre o desastre: uma análise baseada em desenhos. In: Valencio, Norma; Siena, Mariana; Marchesini, Vitor; Gonçalves, Juliano C. (orgs). *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora, p. 96-106, 2009.
- Resende. Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, 2009, p. 31-43.
- Sakamoto, Leonardo. Lama de Mariana: Como o jornalismo é engolido nas grandes tragédias, 2015. Blog do Sakamoto. <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/11/lama-de-mariana-como-o-jornalismo-e-engolido-nas-grandes-tragedias/>. (08 de fevereiro de 2016).
- Sarmiento, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação, Pelotas*, v. 12, n. 21, 2003, p. 51-69. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000096&pid=S0101-7330200500020000300025&lng=en. (10 de outubro de 2015).
- Soriano, Erico; Valencio, Norma. (2009). Riscos, Incertezas e Desastres Associados às barragens: os riscos referentes à Itaipu Binacional. In: Valencio, Norma; Siena, Mariana; Marchesini, Vitor; Gonçalves, Juliano C. (orgs). *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora, 2009, p. 146-159.
- Valencio, Norma. Da morte da quimera à procura de Pégaso: a importância da interpretação sociológica na análise do fenômeno do desastre. In: Valencio, Norma; Siena, Mariana; Marchesini, Vitor; Gonçalves, Juliano C. (orgs). *Sociologia dos Desastres- Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora, 2009, 3-18.
- Weis, Bruno . Tragédia de Mariana: governo e empresa juntos no mar de lama. *Greenpeace Brasil*, nov. 2015. <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/tragdia-de-mariana-governo-e-empresa-juntos-n/blog/54721/>. (08 de Fevereiro de 2016).
- Zalis, Pieter O mapa da destruição. *Revista Veja*. São Paulo, 2015.